

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### O poder do discurso e a eficácia da palavra na (re)produção do social

Gabriel de Carvalho Godoy Castanho\*

**Resumo:** Vivemos hoje um momento de retorno e ampliação da análise minuciosa dos relatos escritos no trabalho do medievalista. Sinal disso é a “semântica histórica” defendida visceralmente por A. Guerreau em um de seus últimos trabalhos. Faz-se então necessário entender os modos de produção de textos como um ato social que ao cristalizar alguns aspectos da organização coletiva, interfere neles por meio de uma unidade discursiva que se apresenta homogênea, atendendo às necessidades culturais amplas e específicas dos autores. A partir daí se percebe claramente a escrita como um ato de poder. Ela organiza e instaura uma ordem, uma hierarquia, definindo grupos sociais. Em nossa apresentação teremos tais considerações em mente ao abordarmos a criação de um ser: o eremita medieval.

**Palavras-Chave:** Retórica – Dinâmicas Sócio-Culturais – Eremitismos Medieval

**Abstract:** Today we live a moment of return and amplification of the detailed analysis of the written sources in the medievalist’s works. One of this sign is the “historical semantics” strongly argued by A. Guerreau in his last works. Therefore, it is necessary to understand how the texts are produced as a social act, crystallizing some aspects of collective organization and, at the same time, interfering in these aspects through a discursive unit presented as homogeneous (corresponding to wide and particular cultural author’s necessities). From this point, it is clearly noted that writing is an act of power, organizing, establishing an order, a hierarchy and defining social groups. In our presentation we will have in mind such considerations while dealing with the creation of one being: the medieval hermit.

**Key Words:** Socio-Cultural Dynamics – Medieval Eremitisms – Rhetoric

A cultura letrada cristã medieval notoriamente foi capaz de criar representações tidas como correspondentes a essa ou aquela estrutura social. Contudo, pouco se atentou a seu caráter processual. Isso significa reconhecer que ao mesmo tempo em que estamos lendo certo documento é preciso perceber nele um elemento vivo de uma longa cadeia de sentidos, muitos deles antagônicos entre si, e possuidores de objetivos mais ou menos claros.

É nesse sentido que devemos abordar objetos históricos como o eremitismo medieval. Figuras recorrentes nos relatos do período, os eremitas medievais foram objeto de reflexões que acabaram por reforçar certas imagens representacionais em detrimento de

---

\* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. O texto aqui apresentado foi constituído a partir de nossa dissertação de mestrado.

outras. Criaram-se tipos eremíticos diferentes, cada um resultado de processos argumentativos consideravelmente complexos. Evidentemente alguns documentos nos permitem perceber melhor esse caráter processual fundamental ao conhecimento histórico. No caso dos eremitas medievais, dispomos de um poema bastante rico. Trata-se dos *versus Pagani Bolotini de falsis heremitis qui vagando discurrunt* escrito por um cônego da cidade de Chartres por volta dos anos 1130.

Trata-se de um poema no qual o autor organiza seu discurso com a finalidade de demonstrar a hipocrisia de falsos religiosos que se pretendem eremitas. Percebemos, na forma poética escolhida por *Bolotinus*, um indício de que o texto teria sido escrito com a finalidade de exposição. Corrobora para essa hipótese, a sua função combativa, evidenciada pela preocupação em convencer o público alvo, de que aqueles a quem ele atacava eram, de fato, falsos religiosos que iludiam os mais simples por meio de artes malignas. Censurava-se a falsidade religiosa de alguns para que esses fossem punidos por seus atos e para que fossem esclarecidas as mentes daqueles que os seguem. Exposição e meios de persuasão: esses elementos eram, desde a Antigüidade Clássica, constitutivos da Retórica

### **Retórica Como Instrumento**

Dentre os diversos manuais de Retórica que circulavam no período, um merece destaque: a *Rethorica ad Herennium*, uma das artes sobre a oratória mais difundidas no Ocidente medieval. Nessa Retórica, trata-se dos três gêneros de causas: o demonstrativo (epidítico), o deliberativo e o judiciário. Logo no início do trato da causa judiciária, somos instruídos sobre como conquistar os ouvintes (ou leitores). Diz o autor para aqueles que pretendem atrair a benevolência da platéia contra seu adversário que é preciso levá-la “ao ódio, à indignação e ao desprezo” do outro por meio da baixeza, perfídia, crueldade, impudência, malícia, depravação, riqueza, intemperança, inércia, ociosidade e luxúria dos adversários (Livro I, V, 8). Ou seja: para constituir a causa judiciária em que incrimina o adversário, o orador deve aplicar lugares-comuns de pessoa (*loci a persona*) próprios do gênero demonstrativo, que é, como dizem os latinos, *ars laudandi ac vituperandi*, arte de louvar e de vituperar. Este parece ter sido mote essencial para a redação do poema, que, ao atacar a falsidade de certos eremitas, buscou provocar no leitor afetos de repulsa, constituindo a inferioridade dos tipos vituperados por meio da sua caracterização como tipos viciosos: “Nenhum [deles] honra a nobreza nem a probidade, / Nenhuma glória dos costumes [lhe] confere utilidade” (v. 27-28). Ainda no campo da causa judiciária, se uma parte quer acusar a

outra de buscar obter vantagens, “o acusado evidenciará a cupidez do réu” (Livro II, III, 4.). Parece-nos clara a vontade de *Bolotinus* de demonstrar o anseio por vantagens entre seus acusados. Anseio esse que sempre vem ilustrado por traços de cupidez, como na passagem em que o falso eremita aparece tão glutão quanto avaro: “Assim como o grande acervo de riquezas aflige o avaro, / Comer das delícias aflige esses” (v. 227-228).

O discurso deliberativo, que propõe o que se deve fazer no futuro, parece ser o menos adequado a nosso poema. Apesar disso, merece destaque a importância da modéstia, parte da matéria honesta de que trata a deliberação. Diz a Retórica: “usaremos as partes da modéstia se vituperamos os desejos excessivos de honrarias, dinheiro e similares; e se mantivermos cada coisa no seu limite definido por natureza; se mostrando o quanto é suficiente em cada caso, dissuadirmos de buscar o que é excessivo e estabelecermos a medida de cada coisa” (Livro III, III, 5). Ora, o poema trata justamente da medida das coisas. Da medida do eremita, de quando um religioso deixa de o ser por ultrapassar o limite da ordem (natural, divina), buscando satisfazer desejos incompatíveis com o que deveria ser sua função neste mundo. A modéstia retórica encontra eco na humildade cristã e sua prima, a constância monástica, defendida desde a abertura do poema: “Falto de ordem, ordem nefanda, quando vestido com pele de carneiro, / Quer ser reconhecido como religioso” (v. 1-2).

Finalmente, o gênero demonstrativo. Este é, como dissemos, o gênero do louvor e do vitupério. Visa expor para seu público, os perigos de certas práticas, destacando os atos injustos, imodestos, covardes e imprudentes do acusado. Segundo o preceito aristotélico e latino, a vituperação compõe tipos inferiores, caracterizando-os como tipos deformados aos quais falta a virtude. De modo geral, na variante vituperadora do gênero demonstrativo: se o acusado possui qualidades, o acusador deve defender que o acusado não exerceu de maneira satisfatória aquilo que lhe era possível por natureza exercer; se possui vícios, esses devem ser destacados por meio da ampliação que os exagera e deforma. Afirma-se ainda que, nesse gênero, a utilidade das outras duas causas (judiciária e deliberativa) é grande, por isso a brevidade no trato por parte do autor da Retórica a Herênio nesse ponto de seu manual (Livro III, VI, 10 à VIII, 15).

Temos ainda um último aspecto importante a destacar em nossa aproximação entre a estrutura do poema e as diretrizes do rétor romano. Lemos no livro segundo sobre o gênero judiciário: “se o réu goza de forte reputação de pureza e integridade, dirá o acusador que os fatos, não a fama, devem ser levados em conta, pois o réu antes ocultará seus defeitos” (Livro II, III, 5). Ora, esse é o próprio núcleo do texto de *Bolotinus*: desconstruir a fama dos eremitas por intermédio da acusação de hipocrisia. A passagem a seguir demonstra bem a

implosão pretendida pelo autor: “Condena os avaros, sendo um avaro. Diz coisas doces, / Sendo amargo: lobo pelo coração, cordeiro pelas vestes. / Assim simula a religião, pois se veste com túnica. / Assemelha-se a um religioso pelas vestes pretas” (v. 10-13).

#### **Instrumento Como Construção de Sentidos**

Assim, partindo das sugestões dadas àqueles que pretendem atacar quem goza de boa reputação, o cônego se utilizou de regras de eloquência para efetivar seu discurso e defender seus interesses. Porque é construído segundo preceitos discursivos, não devemos tratar o poema como mero exercício retórico realizado em um *scriptorium* e, por isso, sem relações com o mundo exterior (o que é feito até hoje pela historiografia especializada no poema). É preciso buscar provas, índices e dar sentido à retórica, como reivindicou Ginzburg (2002), a fim de evitarmos a reprodução do discurso arquitetado nos versos de *Bolotinus*. É preciso assumir o caráter polêmico (processual) do poema decorrente de sua inserção espaço-temporal, somando nele (no poema) seu aspecto discursivo formal e sua substância significativa sócio-cultural (ao invés de considerar um ou outro em separado como duas totalidades explicativas independentes). Nesse sentido, perguntamo-nos: se a função da Retórica era dar instrumentos discursivos para aqueles que disputavam causas públicas, qual o interesse de *Bolotinus* em atacar eremitas benquistos por boa parte da sociedade local? Afinal de contas, por que e dentro de quais quadros *Bolotinus* escreveu seu poema?

O poema de *Bolotinus* nos apresenta dois tipos de eremitismos: ambos valorizam a constância e o isolamento, embora preencham esses preceitos com conteúdos diferentes. No primeiro caso, imperam os graus de humildade beneditina bem como o espírito de vocação anunciado na Regra; no segundo, o isolamento passa a se tornar circunstancial (não se trata mais de “ser”, mas de “estar” eremita) devido à importância da pregação e correção das almas que levam ao contato com outras pessoas. Para o poeta, esses dois modelos de vida eremítica se misturavam negativamente naquele momento. A forma pela qual se configurava a relação com o poder eclesiástico era duramente criticada. Acreditamos estar diante da disputa de poder entre dois grupos aristocráticos: um conservador, visto aqui segundo a Regra de São Bento e o monasticismo tido como tradicional; o outro acusado de laico pelo primeiro, por levar uma vida religiosa relativamente mais autônoma baseada na vida apostólica e na pregação evangélica.

O estudo do poema de *Bolotinus* nos abre as portas para a compreensão da sociedade e do eremitismo dos séculos XI e XII. Momento de forte ebulição tradicionalmente entendido pela historiografia como sendo o da reforma gregoriana, da busca idealizada pela

igreja primitiva e pela vida apostólica, da reforma canonical, da crise cenobítica que levaram ao fortalecimento da pregação e à percepção de uma religiosidade laica. Trabalhos que analisam essas questões muitas vezes permanecem nos limites dos enunciados. Circunscrevendo tais mudanças ao domínio clerical, pressupõem a conseqüente impossibilidade de acesso às concepções de outras parcelas da população e suas maneiras de interpretar a experiência coetânea. Assim, muitas vezes, fica-se apenas no aspecto discursivo mais superficial e evidente, projetando a suposta unicidade da forma sobre a multiplicidade de conteúdos significativos engendrados na documentação. Nossa análise do poema busca perceber, delinear e ultrapassar essas fronteiras formais a fim de tentar compreender qual é o campo semântico geral dos significados articulados no texto.

Uma vez delineado, esse campo semântico se mostra ambíguo, pois apropriado de maneiras diferentes por grupos opostos. A partir de um universo cultural comum que é delineado pelo poeta, contrapõem-se duas linhas de sentidos diferentes. De forma resumida, o percurso é mais ou menos o seguinte: o eremita, figura amplamente aceita e positivamente valorizada pela sociedade medieval, é tido como possuidor de uma única forma, seja lá qual for, em diferentes discursos; na mentalidade do período, há uma imagem de eremita que *Bolotinus* define e avalia, a partir de parâmetros, conceitos e categorias como avareza, alimentação, vestimentas, humildade e, principalmente, dos eixos constância/inconstância e isolamento/contato articulados por meio da pregação itinerante; todos esses elementos, por sua vez, são manejados pelo poeta de modo a confeccionar o pano de fundo geral, o campo cultural comum sobre o qual os diferentes modelos de eremita são dramatizados; surgem, assim, o verdadeiro eremita (aquele que não cobiça alimentos ou bens, que age e se veste humilde e decorosamente, que evita as esferas de poder pois vive em constância e isolado) e o falso eremita, que é o seu exato oposto. Terminado esse percurso, observamos como se dá a construção do ser eremítico mediante a exclusão de outras possibilidades. Uma vez patente a criação dessa denegação, somos levados a refletir sobre a possibilidade de entender a prática dos acusados como uma forma legítima de eremitismo. Neste sentido, o fato de não encontrarmos veto algum além do proferido pelo poeta (pelo contrário, os louvores ao acusado são regra para os personagens do poema), permite-nos pensar em outros conteúdos para a forma de vida eremítica.

### **Dinâmicas Semântico-Sociais**

As críticas feitas aos falsos eremitas não recaem, à primeira vista, sobre a falta de autorização normativa vinda da cúria diocesana: “enquanto a cúria o favorece, enquanto assim é considerado caro” o eremita é visto sair da floresta e ir pela cidade (v. 125). Pelo contrário, as relações próximas entre eremitas e a cúria são duramente atacadas pelo cônego (v. 87-90). As artimanhas dos primeiros, buscando obter favores e dons, seduzem os membros da segunda (v. 331-332). Vemos a cúria erroneamente autorizar esses eremitas, que, por sua vez, segundo o poeta, deveriam observar certas práticas normativas para serem autorizados. “Essa congregação vive vagando em volta de ordem nenhuma” e, mesmo assim, “honras eclesiais são dadas pelos vestidos com túnicas” (v. 111 e 253). Porém, “enquanto a santa vida dos primeiros monges vigorava,” “Nenhum amava as honras da cidade e os dons dos poderosos. / Cada um passava a noite em vigília com trabalho, com lágrimas e com hinos. / Cada um se encerrava com outros, recluso, no cárcere da floresta. / Cada um nas vésperas bebia muito somente da fonte” (v. 261 e 265-268).

Atentemos então para o palco de ação no qual se desenvolve o poema. É verdade que ainda há muita controvérsia acerca da preponderância do poder episcopal sobre o condal na região; entretanto, não há dúvida de que, nas primeiras décadas do século XII, o bispo concentrava um poderio considerável, enquanto a dinastia de Teobaldo IV, conde de Blois e Chartres, buscava afirmar-se na região. Havia clara disputa entre as duas maiores potências da diocese. A tensão crescia em proporção ao alcançar duas esferas diferentes: por um lado, o bispo chartrense, possuidor de menos prebendas do que seu capítulo, passou gradativamente a enfrentar resistência em seu canonicato no que se referia aos assuntos administrativos da diocese; por outro lado, as disputas entre os poderes aristocráticos laicos e a alta hierarquia eclesiástica da diocese se inseria num conjunto mais amplo de disputas que contrapunham a dinastia capetiana (ligada à catedral) aos anseios dos condes locais. Se, em 1129, o bispo Godofredo de Lèves (1116-1149) sagrou Felipe, filho do Rei Luis VI, o Gordo e casou o delfim Luis VII com Eleonora de Aquitânia em 1137, evidenciando a estreita ligação entre o bispado chartrense o poder régio em franca luta de fortalecimento, esse mesmo poderio se mostrou pouco afeito às ações da família condal de Chartres associada aos reis ingleses. Em meio a toda essa confluência de autoridades, o bispado ganhou destaque quando, em 1132, durante a visita do papa à região (no contexto do cisma de Anacleto), o pontífice romano nomeou Godofredo de Lèves seu nuncio.

Esse quadro ajuda a explicar o fato de um ano depois da morte de Ivo de Chartres, em 1115, os bens episcopais terem sido ameaçados pela pilhagem empreendida por Teobaldo IV. Com o trono diocesano vacante, conde e cônegos travaram dura disputa pela eleição do

sucessor de Ivo. O acordo só veio depois da intercessão de dois eremitas itinerantes e pregadores famosos na região: Bernardo de Thiron e Roberto de Arbrissel, cabendo, a esse último, papel preponderante no apaziguamento dos dissidentes canonicais. Impossível saber com precisão qual era o posicionamento de *Bolotinus* nessa contenda. Contudo, ao lembrarmos que seu poema polemiza com eremitas que interferem em decisões episcopais e buscam acompanhar concílios, somos levados a considerar a possibilidade de que o poeta se refira a casos como o mencionado. Assim, chegamos a uma reflexão fundamental para a compreensão do poema: não é difícil pensarmos que seu autor estaria entre os cônegos contrários à eleição de Godofredo de Lèves ao bispado, o que explica a forte crítica contra seu imediato superior na hierarquia eclesiástica, por meio do ataque ácido àqueles que o ajudaram a assumir o trono diocesano, vale dizer, contra eremitas itinerantes e pregadores como Bernardo e Roberto.

O eremitismo nos parece ser um elemento de convergência cultural privilegiado para o estudo da sociedade medieval, o que, conseqüentemente, nos faz reconhecer o caráter dinâmico e constantemente mutante do substrato cultural comum. A própria construção desse campo compartilhado é uma necessidade que foi realizada, no caso de *Bolotinus*, ao longo da redação do poema. A retórica constrói o senso comum. O cônego parte da assunção de que existe uma figura eremítica positiva e passa a delineá-la contrapondo-a a seu anti-modelo. Como resultado, temos a (re)afirmação de sentidos comuns sob a forma de *topoi*, os quais não acreditamos ser apenas elementos técnicos da escrita, mas sim noções construtoras de aspectos organizadores de determinada concepção de mundo. Como obra particular, as palavras manifestam o ponto de vista de seus autores e dos grupos a que pertencem; socialmente são responsáveis por interferências que podem confirmar ou alterar as convicções de muitos. Encontramos no poema um exemplo da dinâmica estabelecida entre modelos culturais e suas atualizações.

A partir do delineamento do campo cultural comum no qual o autor deseja desenvolver sua argumentação, o texto se torna inteligível não apenas para aqueles que compartilham das opiniões ali defendidas, como também para aqueles que são criticados. Isso se torna possível, pois, o autor define um mínimo denominador comum entre as partes. Há que se notar que essa conformação é parcial, uma vez que privilegia os valores de um dos grupos em contenda, transformando o outro em seu negativo. O embate não é travado em campo neutro, nem intermediário. Ele se dá, sim, em uma área que é compartilhada por ambos os exércitos. Mas, no momento exato em que a batalha começa, uma armada tenta invadir os domínios da outra, tomando-lhe seu espaço. Para terminar nossa metáfora militar, resta dizer

que quem escolhe o campo de batalha o faz porque sabe que ali pode dispor da melhor maneira o seu corpo armado.

O mínimo denominador cultural comum, como destacou Franco Júnior, é atravessado por uma via de mão dupla na qual se dão as trocas entre grupos diferentes (FRANCO JUNIOR, 1996, p. 35-36). Grupos estes que se diferenciam não apenas em função de critérios classistas, mas também de organizações sociais extremamente voláteis (ou duradouras, dependendo do recorte efetuado pelo analista), mas que são sempre construídas em função de uma afinidade, algo que dê sentido à aproximação entre as pessoas e sirva de cimento social. Assim, a afinidade pode ser obedecer a leis, servir a Deus, estruturar famílias e topo-linhagens, realizar trabalhos, peregrinar, pregar etc.. A noção de grupo permite as mais diferentes sobreposições de associações, gerando, ao mesmo tempo, fragmentações e comunidades culturais. Essas comunidades são apropriadas pelos grupos em jogo em função de seus interesses mais ou menos conscientes, excluindo de seu interior aquilo que percebem como fragmentador. Tal dinâmica faz com que surja uma oposição a partir do substrato comum, levando a organização do discurso a se aproximar mais de um pólo ou de outro. Assim, a construção, a organização e a manifestação da cultura comum se dão juntamente com a forma da enunciação imprimida nela pelo autor numa situação específica, segundo uma posição particular e um sentido muitas vezes polêmico, como é o caso do poema de *Bolotinus*.

## **Bibliografia**

- CHEDEVILLE, A. *Chartres et ses campagnes XIe-XIe siècles*. Chartres: Garnier, 1991. p
- FRANCO JUNIOR, H. “Meu, teu, nosso: reflexões sobre o conceito de Cultura Intermediária.” In. Id. *A eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996.
- GINZBURG, C. “Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez.” In: Id. *Relações de força: história, retórica, prova*. (Trad.). São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- HRACIO. *Epistles, book II and Epistle to the Pisones ('Ars Poetica')*. Editado por N. Rudd. Cambridge: Cambridge University Press, 1989
- LECLERCQ, J. “Le poème de Payen Bolotin contre les faux ermites”. In: *Revue Bénédictine*, 68, 1958.
- LÉPINOIS, E. de et MERLET, Lucien. *Cartulaire de Notre-Dame de Chartres*. Chartres: Garnier, 1862. 2 vols.
- MORIN, D. G., “Rainaud l’ermite et Ives de Chartres: un épisode de la crise du cénobisme au XIe-XII siècle”, In. *Revue Bénédictine*, XL, 1928.
- SEABRA, A. *Ethos e Pathos na Retórica a Herênio*. Dissertação de Mestrado – FFLCH/USP, 2003.

SUGER. *Vita Ludovico Grossi regis*. In. WAQUET, H. (ed./trad.) *Vie de Louis VI le Gros*. Paris : Honoré Champion, 1929.